

Impresso no Brasil

Copyright © da 1ª Edição, 2019, Instituto Langage

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais.

EDITORES

Erika Parlato-Oliveira
Sergio Lopes de Oliveira

EDITOR TÉCNICO

Celso Riquena

CONSELHO EDITORIAL

Christian Ingo Lenz Dunker
Christian Hoffmann
Erika Parlato-Oliveira
Michèle Benhaim
Yorgos Dimitriadis

PROJETO GRÁFICO

Thiago Pagin

CAPA

Thiago Pagin

REVISÃO

Celso Riquena

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Birman, Joel / Genealogia do narcisismo – São Paulo: Instituto Langage, 2019.
96p.; 17 cm.

ISBN 978-85-62686-36-8

1. Psicanálise 2. Clínica psicanalítica 3. Pesquisa 4. Epistemologia

CDD 150 CDU 159.9

INSTITUTO LANGAGE

Alameda Santos, 1398 - conj. 67 - São Paulo, SP
Telefone: (11) 3473 5458

www.institutolangage.com.br

institutolangage@institutolangage.com.br

facebook.com/Instituto-Langage



I. Signos e simulacros	7
II. Imagem	17
III. Problema, problematização, problemática	25
IV. Amor de si e espelho	31
V. Especular e narrar	37
VI. Amor próprio, amor de si e amor do outro	45
VII. Indivíduo, valor e modernidade	52
VIII. Espaço público e espaço privado	56
IX. Disciplina e biopoder	58
X. Anormais	61
XI. Narcisismo em questão	67
XII. Inflexões	71
XIII. Ressonâncias	78
XIV. Desdobramentos	84
XV. Fechando o círculo	88

I. SIGNOS E SIMULACROS

A intenção primordial deste ensaio é a de realizar a *problematização do campo do narcisismo*, que se impôs na contemporaneidade como um *problema* efetivo e que se manifestou por diferentes signos desde os anos 70, do século XX, na medida em que esses se inscreveram de forma patente no espaço social, por um lado, e que se enunciaram ao mesmo tempo em diversos discursos teóricos, pelo outro. Com efeito, as transformações patentes ocorridas nas coordenadas do espaço social desde então, no que concerne o campo do narcisismo, tiveram como efeito decisivo e correlato o trabalho sistemático de reflexão conceitual que se processou no registro de diferentes discursos teóricos.

Foi em decorrência dessa dupla séria discursiva e de sua articulação necessária, no contexto histórico da contemporaneidade, é que denominei acima esse conjunto de campo do narcisismo.

Assim, se a *psicanálise* se voltou com urgência para a articulação teórica e clínica do campo do narcisismo, empreendendo então outras descrições clínicas para esse campo pelo enunciado de novos conceitos, as *ciências sociais*, em

contrapartida, passaram a trabalhar igualmente sobre o campo do narcisismo, de maneira frontal e inesperada ao mesmo tempo. Portanto, não se trata de mera obra do acaso que o problema em pauta tenha se imposto de maneira crucial em diversos registros do saber, evidenciando assim a emergência histórica de uma questão fundamental no espaço social contemporâneo, de forma a promover ruptura e descontinuidade significativa, que conduziram em consequência à reconfiguração do espaço social. Enfim, novas linhas de força e de fuga tornam-se assim delineadas, de maneira a transformar o espaço social de ponta-cabeça.

Assim, no campo teórico da psicanálise diferentes autores se voltaram para circunscrever as *diversas dimensões* presentes no campo do narcisismo, retomando e reconfigurando o legado teórico-clínico organizado pelo discurso freudiano desde o ensaio inaugural sobre essa questão, intitulado “Para introduzir o narcisismo.”¹ Na teia conceitual onde se enunciou a existência do *narcisismo primário* e do *narcisismo secundário*, assim como dos registros psíquicos do *eu ideal* e do *ideal do eu*,² diversos autores procuraram opor então de

1. Freud, S. (1914) “Pour introduire le narcissisme”. In: Freud, S. *La vie sexuelle*. Paris, PUF, 1973.

2. Ibidem.

maneira cortante a existência dos registros do *narcisismo normal* e do *narcisismo patológico*, se baseando para isso em novos signos oriundos da experiência clínica.

Além disso, no registro do narcisismo patológico certos autores da tradição anglo-saxônica da psicanálise enunciaram o conceito de *personalidade narcísica* e propuseram ainda como algo inédito a legitimidade clínica da *estrutura borderline* e dos *estados limites*. Este foi o caso de Kernberg e de Kohut, nas obras intituladas “Borderlines conditions and pathological narcissisme”³ e “The Analyses of the Self”,⁴ respectivamente, publicadas ambas em 1975.

Contudo, ainda na tradição anglo-saxônica é preciso evocar o artigo de Lichtenstein, publicado em meados dos anos 60 e intitulado “O papel do narcisismo na emergência e na manutenção da identidade primária”,⁵ que enunciou o conceito de identidade primária, inexistente no discurso freudiano, na sua relação de fundação com o narcisismo primário. Com efeito, como se sabe o discurso freudiano criticou o conceito de identidade de maneira frontal, privilegiando,

3. Kernberg, O., *Borderlines conditions and Pathologicals Narcissisme*. New York, 1975.

4. Kohut, M. *The Analysis of the Self*. New York, International Universities Press, 1971.

5. Lichtenstein H., « Le Rôle du narcissisme dans l'émergence et le maintien d'une identité primaire », (1964), In: *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Numéro 13. Paris, Gallimard, 1976.

em contrapartida, o conceito de identificação, de forma a colocar em destaque a dimensão da multiplicidade e não a da unidade psíquica. Daí, como consequência, a importância assumida pela questão da divisão psíquica naquele discurso teórico ao longo de seu percurso, tanto na primeira quanto na segunda tópica.

No entanto, esta problematização do narcisismo não ficou restrita à tradição psicanalítica anglo-saxônica, mas se disseminou também na tradição psicanalítica francesa de forma significativa. No que concerne a isso, é preciso evocar os importantes ensaios de Rosolato e Green, intitulados “Le narcissisme”⁶ e “Un, Autre, Neutre; valeurs narcissiques du Môme”,⁷ respectivamente, publicados ambos em 1976.

Além disso, é preciso destacar ainda na tradição francesa que a “Nouvelle Revue de Psychanalyse”, número 13, publicou um número exclusivo sobre o narcisismo em 1976,⁸ intitulado “Narcisisme” justamente, que foi antecedido em 1974 e 1975 por dois números intitulados “Aux limites du analysable”⁹ e “Figures du vide”,¹⁰ nos quais

6. Rigolato, G. “Narcissisme”. Idem.

7. Green, « Un, Autre, Neutre: valeurs narcissiques du Môme”. Idem.

8. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. Número 13. *Narcissisme*. Op. cit.

9. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. , Número 10. *Aux limites de l'analysable*. Paris. Gallimard, 1974.

10. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. Número 11. *Figures de vide*. Paris, Gallimard, 1975.

já se problematizava de forma ostensiva o campo do narcisismo nas vertentes teórica e clínica.

Em contrapartida, no campo das ciências sociais o narcisismo como problema se enunciou inicialmente pela publicação de duas obras cruciais, a saber, “O declínio do homem público”¹¹ do sociólogo norte-americano Richard Sennett e “A cultura do narcisismo”¹² do historiador norte-americano Christopher Lasch, que foram publicadas na segunda metade dos anos 70. Em seguida, diversos autores franceses, dos campos das ciências sociais e da filosofia política se voltaram igualmente para a leitura crítica do campo do narcisismo, enfatizando sejam aspectos similares, sejam derivados aos dos autores norte-americanos.

Assim, se Sennett diagnosticou trágica e enfaticamente o esvaziamento significativo ocorrido no *espaço público* na contemporaneidade e a expansão correlata do *espaço privado*, esse processo implicou na disseminação do narcisismo sob a forma eloquente da emergência da problemática da “tirania da intimidade”¹³. Em contrapartida, Lasch, de forma complementar enunciou a “infantilização” do indivíduo contemporâneo no espaço

11. Sennett, R. *O declínio do homem público*. As tiranias da intimidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

12. Lasch, Ch. *La culture du narcissisme*. La vie américaine à un âge de déclin des espérances. Paris, Flammarion, 2000.

13. Sennett, R. *O declínio do homem público*. Op. Cit..

social norte-americano, em diversas dimensões morais e instituições sociais ao mesmo tempo, caracterizando a totalidade deste processo de forma eloquente como o tempo histórico de “declínio da esperança”¹⁴ na sociedade norte-americana.

Contudo, é preciso sublinhar ainda com a ênfase devida que a expansão do espaço privado, em detrimento do espaço público, implicou num excesso de vinculação do indivíduo ao *tempo do presente*, com o esvaziamento correlato do tempo do *passado* e do tempo do *futuro*. Desta maneira, se materializaria assim o que Lasch denominou de “declínio da esperança”, com a perda da voltagem não apenas da dimensão do tempo futuro, mas também da própria dimensão da *história* propriamente dita na articulação efetiva que a historicidade promove dos laços sociais, com os desdobramentos inevitáveis que esse processo produziu no campo da política.

Foi neste contexto social de perda da dimensão do futuro e da inflação conexas do tempo do presente, que a cultura do narcisismo possibilitou a constituição de uma *nova modalidade de individualismo*, no qual o indivíduo voltado para si próprio foi levado ao exagero e à máxima eloquência, segundo diversos autores que empreenderam comentários pertinentes da cena social contemporânea. Nesta

14. Lasch, Ch. *La culture narcissisme*. Op. cit.

perspectiva, diferentes autores passaram a denominar de hiper-individualismo a nova versão assumida pelo indivíduo que foi forjada na contemporaneidade, assim como de caracterizar essa de hiper-modernidade e de pós-modernidade, nas tradições intelectuais francesa e norte-americana, respectivamente.

No entanto, é preciso evocar também como, num artigo publicado em 1980 na revista “Le Débat”, Lipovetsky se colocou contra a corrente crítica face à alternativa do *narcisismo* e do *vazio* na sociedade contemporânea, enfatizando, no entanto, a presença do vazio e não do narcisismo, conferindo então ao vazio, de maneira inesperada, uma efetiva positividade¹⁵. Esta formulação foi sistematizada posteriormente, em 1993, com a publicação do livro “A era do vazio”, no qual o novo individualismo contemporâneo foi cantado em prosa e verso, como signo maior que seria finalmente da autonomia do indivíduo face as amarras do espaço social¹⁶. Com efeito, a volta do indivíduo para si próprio, nos registros do corpo e do espírito, como estratégia fundamental da existência e sem se preocupar efetivamente com o espaço público, marcaria o advento triunfante

15. Lipovetsky, G. *Narcise ou la stratégie du vide*. In: *Le Débat*. Número 5. Paris, Gallimard, 1980.

16. Lipovetsky, G. *L'ère du vide*. Essais sur l'individualisme contemporain. Paris, Gallimard, 1983.

de outra era do individualismo, permeada pelo vazio, assim como de outro espaço social.

Com isso, foi o *império do efêmero* o que passou a ser louvado e realizado na nova cultura do *simulacro* como forma de vida, de maneira em que a *moda* passou a ser investida de forma eloquente e valorada na leitura proposta ainda por Lipovetsky, numa obra publicada em 1987 e intitulada justamente “O império do efêmero.”¹⁷

Contudo, outros autores tiveram uma leitura crítica desta autonomização do indivíduo do espaço público e do retorno eloquente daquele sobre si mesmo, enunciando a perda de volta-gem da *historicidade* na sociedade contemporânea e do seu correlato, qual seja, a perda da perspectiva de futuro e do esvaziamento conexo do discurso político. Em decorrência disso, a sociedade contemporânea seria movida pela disseminação da experiência social e ética da *insignificância*, segundo a leitura trágica e irônica proposta por Castoriadis, como efeito privilegiado que seria dessa promoção eloquente do indivíduo (narcísico) conduzido ao exagero na sua pretensa autonomia dos laços sociais, sem considerar devidamente os imperativos fundamentais colocados pelo espaço público.¹⁸

17. Lipovetsky, G. *L'impire du l'éphémère*. Paris, Gallimard, 1987.

18. Castoriadis, C. *Les carrefours du labyrinthe*. Volume IV. *La montée de l'insignifiance*. Paris, Seuil, 1996.

Da mesma forma, Baudrillard realizou igualmente a crítica sistemática da nova configuração do espaço social contemporâneo, no qual o espaço público se fragmentaria e no limite se dissolveria pela ausência da articulação dos indivíduos com o tempo do futuro que seria então esvaziado, enunciando assim a disseminação da era do simulacro numa ordem social marcada pela promoção ostensiva do *signo*. Portanto, o mundo caracterizado pelo imperativo da aparência e pela disseminação do simulacro estaria modulado por outra economia *política do signo*, consubstanciada assim num outro registro simbólico, que daria então suporte às novas coordenadas do indivíduo contemporâneo.

Com tudo isso, bem entendido, é o campo do narcisismo que se expande e se dissemina de forma infinita e multifacetada na contemporaneidade, reconfigurando assim as coordenadas constitutivas da individualidade, sem projeto de futuro e sem amarras fundamentais no campo político. Portanto, foi a despolarização dos laços sociais o que se enunciou com toda a eloquência possível na cena social contemporânea, reconfigurando assim as linhas de força da ordem democrática.

Portanto, não resta qualquer dúvida de que o narcisismo como problema se enunciou de for-

19. Baudrillard, J. *Pour une critique de l'économie politique du signe*. Paris, Gallimard, 1982.

ma enfática desde os anos 70, de forma a colocar assim em pauta múltiplas formas e novas disposições morais da figura do indivíduo, indicando então de maneira cabal que uma *descontinuidade* radical se evidenciava no espaço social contemporâneo. Evidentemente, foram assim transformadas as *linhas de força* presentes no espaço social, assim como as *formas de subjetivação*²⁰ de maneira radical. Com a promoção ostensiva do imperativo do simulacro e do efêmero a figura da individualidade adquiriu assim outros contornos e feições anteriormente inexistentes, pelas quais os signos passaram a ocupar uma posição estratégica no espaço social da contemporaneidade.

Em decorrência disso, outro horizonte se delineou certamente desde então para as *formas de vida* no Ocidente, mediante a profusão de novos signos moduladores dos indivíduos no espaço social, de forma que os discursos teóricos da psicanálise, das ciências humanas, das ciências sociais e da filosofia política passaram a problematizar de forma ostensiva as transformações em pauta, procurando fundamentá-las do ponto de vista teórico.

20. Foucault, M. *La volonté de savoir*. Paris, Gallimard, 1976.